

PESQUISAS RADIOFÔNICAS E ESTUDOS DE GÊNERO- UM BREVE PANORAMA ¹

Graziela Bianchi²
Nayane Cristina Rodrigues de Brito ³

RESUMO

O presente artigo traz um breve panorama sobre a situação relacionada aos trabalhos que realizam a articulação entre questões radiofônicas e perspectivas de gênero. Para tanto, elabora um mapeamento de todos os trabalhos apresentados no Grupo de Pesquisa de Rádio e Mídias Sonoras da Intercom entre os anos 2000 e 2014. A partir da realização dessa atividade de registro e análise percebeu-se que a quantidade de trabalhos que traz esse tipo de abordagem e articulação mencionadas é muito pequena, representa pouco mais de 1% do total de artigos mapeados. Além disso, observa-se também uma utilização falha no que diz respeito a teorias e metodologias relacionadas ao gênero. Sendo assim, este artigo oferece um registro a respeito dessa articulação entre estudos sobre rádio e os estudos de gênero objetivando chamar a atenção para a realidade observada nesse âmbito e quem sabe, a partir disso, contribuir para que haja um desenvolvimento maior de estudos que relacionem esse tipo de abordagem.

Palavras-chave: Rádio. Gênero. Intercom.

1. INTRODUÇÃO

Perspectivas que tragam à discussão e reflexão abordagens que relacionem os considerados Estudos de Gênero com questões em articulação com os meios de comunicação passam a ter um desenvolvimento cada vez mais abrangente, elencando problemáticas desde diferentes pontos de vista. Sendo assim, é possível dizer que esse é lugar onde articulações se

1 Trabalho inscrito para o GT Comunicação e Cultura, do VII Encontro de Pesquisa em Comunicação – ENPECOM.

² Doutora. Professora nos cursos de mestrado e graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Email: grazielabianchi@yahoo.com.br

³ Mestranda em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista Capes. Email: brito.n.c.r@hotmail.com.

tornam cada vez mais não só possíveis, como também necessárias. Com base nesse entendimento, o presente artigo busca contribuir lançando um olhar para os trabalhos que articulam, de maneira especial, questões relacionadas ao gênero- ainda que, em alguns dos exemplos, não o façam de forma explicitada- em relação com abordagens radiofônicas. Interessa ao trabalho perceber as principais nuances presentes em tais estudos, observando especialmente de que maneira são construídas e apresentadas tais relações.

Estudos de pesquisadoras com trabalhos relevantes nessa área de interface, e que buscam compreender tais realidades de maneira mais detida, oferecem a possibilidade de analisar melhor como se dão as articulações presentes em tais contextos. Nesse sentido, nos oferecem subsídios para que possamos organizar reflexões entorno do tema. Nesse caso, por exemplo, podemos buscar melhor compreender como se dão também essas relações entre outras áreas, que não só a comunicação, em articulação com as discussões de gênero. Além disso, é relevante também situar tais questões em um ponto de vista histórico, buscando assim compreender melhor o percurso descrito por tais abordagens.

Pode-se dizer que, em comparação com outras áreas do conhecimento (como História, Sociologia, Antropologia, Letras, entre outras), os estudos de gênero são pouco representativos da produção científica em Jornalismo e Comunicação, conquistando espaço no Brasil a partir de meados dos anos 1990. Contudo, revelam-se pertinentes na medida em que permitem inserir olhares angulados nas relações entre o feminino e o masculino na análise das representações midiáticas e mesmo das dinâmicas internas do campo jornalístico (ROCHA; WOITOWICZ, 2014, p.133).

Se, por um lado, interessa ao trabalho promover uma reflexão a respeito das articulações presentes do ponto de vista da comunicação, pensando em relacionar de maneira mais detida questões radiofônicas envolvidas, é também importante ressaltar que as questões pertinentes ao gênero, de maneira mais particular, suas conceituações e abordagens específicas, também precisam ser mais bem refletidas. Nesse aspecto, algumas elaborações nos auxiliam como forma de fazer avançar essa discussão.

No seu uso mais recente, o “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico. Segundo esta opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia

existir através de estudo inteiramente separado. Assim, Nathalie Davis dizia em 1975: “Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, do mesmo jeito que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses. Nosso objetivo é entender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, achar qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la” (SCOTT, 1989, p. 3).

Tais perspectivas expostas nos proporcionam condições de iniciar um processo de compreensão de questões e pontos de vista que são cruciais especialmente para entender a maneira como os estudos radiofônicos, em particular, têm tratado a temática de gênero. Ainda que a análise empreendida por esse trabalho não consiga dar conta de uma grande amostra, pelo menos uma parcela dos trabalhos que foram desenvolvidos no Brasil nos últimos anos, buscando estabelecer algum tipo de relação entre rádio e gênero, foi aqui contemplada.

2. COMO O GÊNERO SE ARTICULA COM O RÁDIO (OU NÃO)

Para dar conta de melhor compreender a forma como se dá a expressão e articulação de estudos que buscam promover o diálogo entre temáticas envolvendo o rádio e também as questões de gênero, buscou-se como subsídio para a coleta de dados um dos mais expressivos locais, no Brasil, que reúne os trabalhos radiofônicos realizados na atualidade: o Grupo de Pesquisa de Rádio e Mídias Sonoras da Intercom. O grupo, que desenvolve suas atividades de maneira sistemática desde o início dos anos de 1990, com encontros anuais, sendo parte da programação do congresso nacional da Intercom, é o responsável por agregar a maior parte de pesquisas e pesquisadores que se dedicam aos estudos radiofônicos no país.

No site da Intercom estão disponíveis os trabalhos apresentados por todos os grupos participantes da entidade, entre eles, o Grupo de Rádio e Mídias Sonoras. Nesse espaço, é possível então encontrar todos os trabalhos apresentados por todos os grupos, nos eventos que ocorrem anualmente, desde o ano 2000. Assim, foi possível realizar um mapeamento de trabalhos (somente os situados no âmbito do grupo mencionado) apresentados no período de 14 anos, uma vez que o evento de 2015, ano corrente, ainda não foi realizado.

Para o desenvolvimento deste trabalho a primeira atividade necessária consistiu em uma checagem dos trabalhos apresentados em todo o período elencado para a análise. Foram consideradas somente as publicações contidas nesse grupo em especial e que estão

disponíveis para consulta no site da instituição. A partir desse primeiro mapeamento foi possível construir o quadro demonstrativo apresentado a seguir (Tabela 1). Através dele, objetivamos demonstrar de maneira clara qual a é a situação que se apresenta com relação à quantidade de trabalhos relacionados ao nosso foco de interesse. Temos a visualização disponível por cada ano e também podemos contabilizar o total de trabalhos apresentados no decorrer dos 14 anos considerados na amostra. Tendo realizada essa primeira checagem para que fosse possível traçar parâmetros quantitativos, foi possível então, em um segundo momento, relacionar o panorama dos números obtidos com uma abordagem mais qualitativa, preocupada em compreender melhor a inserção e o direcionamento desses trabalhos que relacionam questões radiofônicas e perspectivas de gênero.

ANO	LOCAL DO EVENTO	TOTAL DE ARTIGOS APRESENTADOS NO GT	ARTIGO SOBRE GÊNERO	%
2000	Manaus – AM	13	zero	0
2001	Campo Grande - MS	20	zero	0
2002	Salvador – BA	24	zero	0
2003	Belo Horizonte - MG	39	1	2,56
2004	Porto Alegre - RS	41	1	2,44
2005	Rio de Janeiro - RJ	41	zero	0
2006	Brasília – DF	29	1	3,49
2007	Santos –SP	30	zero	0
2008	Natal – RN	34	1	2,94
2009	Curitiba – PR	43	zero	0
2010	Caxias do Sul - RS	50	zero	0
2011	Recife – PE	46	2	4,35
2012	Fortaleza – CE	41	zero	0
2013	Manaus – AM	31	1	3,22
2014	Foz do Iguaçu - PR	49	zero	0
TOTAIS		531	7	1,32

TABELA 1- GT RÁDIO E MÍDIAS SONORAS E OS TRABALHOS SOBRE GÊNERO APRESENTADOS.

A partir da apresentação do quadro com a exposição sintética dos números obtidos em função do levantamento realizado, o que é possível observar, de maneira bastante contundente, é uma presença muito pequena de estudos que buscam, de alguma maneira, realizar uma articulação entre as questões radiofônicas e de gênero. Em um contexto de 531 trabalhos apresentados no Grupo de Rádio e Mídias Sonoras, no período do ano 2000 ao ano de 2014, apenas sete realizaram a articulação que interessa à reflexão empreendida por este

trabalho. Isso representa pouco mais de 1% do total de trabalhos apresentados no espaço de tempo delimitado e pesquisado.

Quando observamos os números separados por anos, percebe-se que na maioria dos anos de realização do evento nenhum trabalho, nos parâmetros elencados, é apresentado nas edições. Nos demais encontros, encontram-se a ocorrência de apenas uma apresentação por ano e em apenas um caso, no ano de 2011, é verificada a existência de dois trabalhos apresentados que articulam as temáticas de interesse desse trabalho. Em suma, os números nos mostram a baixíssima ocorrência, pelo menos nesse evento investigado no período de 14 anos, de reflexões sistematizadas por pesquisas, que coloquem em destaque a relação entre perspectivas radiofônicas e gênero.

3. ABORDAGENS DAS RELAÇÕES RÁDIO E GÊNERO

Após explorarmos os aspectos numéricos propiciados pelo levantamento realizado, é pertinente trazer alguns dados e percepções sobre as poucas pesquisas que promovem a articulação entre rádio e gênero. Uma primeira percepção que pode ser descrita diz respeito à variedade de abordagens encontradas. Não existe um único direcionamento empreendido pelos sete trabalhos realizados, eles variam no que diz respeito ao enfoque dado, às metodologias utilizadas, os recortes efetuados, entre outros aspectos.

Outra questão que aparece de uma maneira bastante evidente está relacionada à própria denominação do tipo de pesquisa que é realizada: uma grande parte das autoras (todas as sete são mulheres) não nomeia o trabalho como sendo um estudo de gênero, ou mesmo traz alguma perspectiva que possa relacionar a pesquisa como tal. Em alguns casos, são mobilizados autores e estudos que trabalham com a abordagem, seja do ponto de vista teórico ou metodológico. Entretanto, em vários casos eles ocupam apenas um espaço de menção, sem que sejam aprofundados esses direcionamentos.

De forma sucinta, é possível trazer uma síntese a respeito das abordagens mobilizadas por esses trabalhos. Dos sete artigos pertencentes ao âmbito de análise relacionada por esse artigo, dois deles tratam de questões que trazem elementos a respeito de relações entre mulheres e posições de movimentos sociais, organizados de forma institucionalizada ou não. Em um deles, é observado o papel exercido pelo rádio em um ambiente rural. É questionado então pelo referido trabalho o impacto do meio em uma localidade rural do interior do Brasil, olhando especificamente para um grupo de mulheres, em sua maioria agricultoras e donas de casa. Verificam-se questões relacionadas à escuta de

uma emissora específica, única presente na localidade estudada. O outro trabalho que segue por um viés semelhante e investiga um único programa, em uma emissora comunitária em articulação com um grupo de mulheres que vive na periferia de uma capital do nordeste brasileiro, nesse caso então, diferencia-se do anterior pela questão do ambiente urbano e periférico.

Em outra perspectiva, um dos trabalhos traz uma única mulher em um papel, em certa medida, protagonista. Investiga, a partir as memórias narradas por essa personagem, já idosa, como algumas questões políticas se articulavam em tempos passados, buscando compreender, através dessas memórias específicas narradas por essa senhora, como o rádio participava do âmbito político da sociedade, especialmente em períodos pré-ditatoriais e também durante a ditadura. Em outro trabalho é abordada a questão da identidade feminina, construída a partir de uma emissora de denominação evangélica específica, e repassada via os programas de rádio produzidos e transmitidos por ela.

Dois trabalhos apresentam perspectiva que, de alguma forma, trazem questões sobre o envolvimento da mulher na produção radiofônica. Em um deles, a abordagem dada busca relacionar as percepções de ouvintes mulheres a respeito de programas de locução também realizada por profissionais mulheres. No outro, é investigada a participação de jornalistas mulheres, egressas de uma universidade do nordeste do país, no campo de trabalho em rádio.

O último trabalho mapeado aborda uma questão que difere bastante dos demais. Traz percepções sobre um programa radiofônico de humor conduzido por um travesti. Entretanto, este é um personagem criado, o locutor, em sua vida cotidiana, não é travesti, apenas assume este papel no programa de rádio e também em apresentações de eventos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira percepção suscitada pelo trabalho, e sendo esta muito evidente, ao trazer questões que articulam rádio e gênero, a partir do universo de análise descrito para a realização desse trabalho, é a quase ausência dessa abordagem. Em um contexto geral de mais de 500 trabalhos apresentados tendo o rádio e seus diferentes aspectos figurando como perspectiva principal de análise, no período de 14 anos, onde há somente sete trabalhos onde o gênero é tematizado e está presente, nos mostra uma realidade onde esse viés de estudos se revela de uma maneira extremamente carente. Para além disso, as pouquíssimas abordagens que são apresentadas, em sua maioria, não tematizam, de forma sistematizada, reflexiva, comprometida, as questões teórico-metodológicas que envolvem o gênero. Nesse sentido,

uma série de reflexões se faz necessária. Algumas podem ser apontadas por autoras que tematizam essas perspectivas em articulação direta com os meios de comunicação.

Analisar a problemática dos meios de comunicação e das representações de gênero, reproduzidos nesse âmbito, significa considerar essas duas faces, buscando desvendar o que está oculto, dando visibilidade às diversas vozes e imagens presentes nas falas, narrativas e discursos. Trata-se não só de denunciar a violência simbólica que se exerce nas relações de comunicação pela mídia e, através dela, nas relações sociais, em geral, e nas relações de gênero, em particular, mas, também, de identificar um potencial utópico de subversão que se insinua através do riso e do prazer (SANTOS, 2004, p. 169).

Esse trabalho buscou realizar um movimento muito breve e inicial de discussão dessa relação entre rádio e gênero. Como pode ser visto em função dos dados aqui apresentados, carecemos de um aprofundamento maior para investigarmos tais questões, entender o porquê dessa presença tão pequena de estudos radiofônicos que tenham preocupações com as perspectivas de gênero. É preciso, a partir daqui, relacionar esses dados com outros locais onde possam ser encontradas pesquisas que, potencialmente, possam promover essa articulação, seja em revistas científicas da área ou até mesmo em outros eventos semelhantes. Tentar perceber se a tendência observada neste trabalho persiste, se ela aumenta, ou talvez diminua. De toda forma, é possível considerar que esse breve panorama nos proporciona subsídios para empreender outras buscas e, quem sabe, estas nos ajudem a traçar outros horizontes, tendo também a realização de pesquisas que articulem rádio e gênero como um objetivo a ser alcançado. Os dados levantados até o momento nos evidenciaram que precisamos sim falar sobre rádio e gênero, bem mais e também de uma forma melhor.

5. REFERÊNCIAS

ROCHA, Paula Melani; WOITOWICZ, Karina Janz. Estudos de Gênero no Jornalismo: Perspectivas de análise das mulheres jornalistas e das representações femininas. ROCHA, Paula Melani; WOITOWICZ, Karina Janz (org.). **Marcas e discursos de gênero**: produções jornalísticas, representações M313m femininas e outros olhares. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014. 14 mb.; e-book. <http://www.isthmus.com.br/eduepg/dados/Marcas-Discursos-Genero.pdf>. Acessado em 7 de agosto de 2015.

SANTOS, Maria Inês Detsi de Andrade. **Gênero e Comunicação**: o masculino e o feminino em programas populares de rádio. São Paulo: Annablume, 2004.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. In: Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. p. (1-35). Disponível em:

http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acessado em 8 de agosto de 2015.